

## **Rádio universitário: análise da programação a partir dos relatórios Ecad<sup>1</sup>**

Helton Lucinda RIBEIRO<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

### **RESUMO**

Difundir “música de qualidade” tem sido uma missão assumida por rádios universitárias no Brasil, como contraponto ao sistema comercial de radiodifusão. Estudiosos apontam que a MPB predomina na seleção musical apresentada por essas emissoras, mas também questionam o que é, de fato, música de qualidade. Propõe-se aqui uma metodologia para análise da programação de duas rádios paulistas, a Rádio USP e a Unesp FM, a partir dos relatórios de execuções musicais elaborados para o Ecad. O objetivo é verificar se essa metodologia de análise documental, aliada ao arcabouço teórico dos Estudos Culturais, oferece uma contribuição efetiva para a compreensão do papel desempenhado pelas rádios universitárias no campo da radiodifusão pública por meio de sua programação musical.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio universitário; Ecad; MPB; Nova MPB.

### **1. INTRODUÇÃO**

“Música você ouve em qualquer lugar, mas música de qualidade, só na Rádio USP”. Essa é uma das vinhetas da Rádio USP (FM 93,7 Mhz), emissora da Universidade de São Paulo, localizada na capital paulista. Ela expressa uma concepção de rádio universitário que as próprias emissoras incorporaram em suas trajetórias, como difusoras de música de qualidade – em especial MPB –, em contraposição ao sistema comercial de radiodifusão. Contudo, um dos dilemas das emissoras que proclamam veicular “MPB de qualidade”, segundo Zuculoto (2012, p. 217), é definir quais músicas se enquadram nessa classificação, “definir pronta e claramente o que é MPB de qualidade”. A autora cita como exemplo o debate, ocorrido em um encontro de emissoras em 2009, sobre incluir ou não Ivete Sangalo e outros cantores populares na programação.

Tendo em vista que “a programação é um dos lugares privilegiados onde se pode melhor detectar e analisar funções, papéis que estas emissoras têm cumprido, lógicas e diretrizes que vêm adotando, enfim, perfis que estão construindo” (ZUCULOTO, 2012, p. 39), é importante aprofundar o estudo da programação das emissoras universitárias para além daquilo que elas sugerem em suas vinhetas e em suas percepções de si próprias. Ou seja, se elas pretendem ser difusoras de música de qualidade, ainda que no campo da música popular massiva, é importante saber quais músicas estão

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Midiática pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e-mail: heltonlucinda@hotmail.com

sendo executadas em sua programação e em que medida constituem de fato alternativas ao sistema comercial.

O estudo da programação radiofônica musical esbarra em dificuldades metodológicas inerentes ao rádio. Normalmente, adotam-se amostragens, com a gravação da programação em horários específicos. Neste artigo exploratório, propõe-se como metodologia para o estudo da programação musical das rádios universitárias a análise documental, tendo por fonte de dados os relatórios elaborados para o Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), que permitem identificar e quantificar a totalidade das músicas executadas pelas emissoras. É possível saber, assim, quais músicas foram ao ar e quantas vezes em determinados períodos (mensais ou anuais).

Tomam-se como objeto de estudo as duas principais rádios universitárias paulistas: a Unesp FM (105,7 Mhz), localizada em Bauru, interior de São Paulo, que oferece uma facilidade à pesquisa por disponibilizar seus relatórios Ecad em sua página na web; e a Rádio USP, emissora mais antiga que a Unesp FM e que tem servido de modelo para esta última ao longo de sua trajetória (RIBEIRO, 2003). Ambas se proclamam, em vinhetas veiculadas ao longo da programação, como rádios públicas, culturais e educativas. Possuem programação parecida, com predomínio da seleção musical. Percebe-se também uma similaridade na forma como é construída a grade, com maior segmentação nos finais de semana e no período noturno, com horários reservados a gêneros específicos – samba, rock, regional, música clássica, choro, jazz, etc. (RIBEIRO, 2018).

Para se obter um contraponto do sistema comercial de radiodifusão, buscou-se também dados disponibilizados pelo Ecad em sua página na web e o relatório Mercado fonográfico mundial e brasileiro em 2018, da Pró-Música Brasil.

Como referencial teórico, recorre-se a autores do campo dos “Estudos Culturais”, de onde deriva a expressão “música popular massiva” e noções como “circuito cultural”, que oferece a possibilidade de ampliar o foco no estudo da cadeia produtiva do rádio para aspectos imateriais como identidade e representação, na investigação sobre o que é veiculado nas emissoras musicais, “que conteúdos trazem para seus públicos e que mecanismos identitários desencadeiam nas audiências que mobilizam” (KISCHINHEVSKY, 2011, p. 250).

Outra noção importante é a de “cena musical”, que diz respeito à “materialização das expressões musicais no tecido urbano” (JANOTTI, 2011, p. 17), formando circuitos culturais próprios que envolvem diferentes atores sociais, e estabelecendo inter-relações entre circuitos culturais. Recorre-se também a um aporte teórico sobre gêneros musicais que permita uma análise mais acurada sobre os gêneros veiculados pelas emissoras universitárias do que a possibilitada pelo simples e impreciso rótulo “MPB”. Como afirma Janotti (2006, p. 38), “acredita-se que um dos campos

privilegiados para a compreensão da produção de sentido das canções populares massivas é o gênero musical”.

## 2. MÚSICA POPULAR MASSIVA, MPB E NOVA MPB

No campo dos Estudos Culturais, entende-se a “música popular massiva” como fruto da industrialização e mercantilização da cultura, sendo, assim, um produto fabricado em série tendo em vista a obtenção de lucro (TROTA, 2005; VLADI, 2011). Ela tem a canção<sup>3</sup> como principal forma de expressão e resulta dos “encontros entre a cultura popular e os artefatos midiáticos” (JANOTTI, 2006, p. 35). Uma vez que a música popular massiva subordina-se a estratégias cujo fim último é o lucro, sua classificação em gêneros obedece a uma lógica de mercado, de forma a segmentar o público por faixas de interesses e facilitar a comercialização de fonogramas – e, evidentemente, as rádios desempenham um papel nesse processo (JANOTTI, 2003; 2006; VLADI, 2011). A classificação, contudo, também responde a percepções do próprio público, e pode passar por diferentes mediações, que não só as do mercado.

Portanto, os gêneros musicais envolvem: regras econômicas (direcionamento e apropriações culturais), regras semióticas (estratégias de produção de sentido inscritas nos produtos musicais) e regras técnicas e formais (que envolvem a produção e a recepção musical em sentido estrito) (JANOTTI, 2006, p. 41).

Estudos sobre o rádio universitário apontam que a MPB é o gênero mais presente na programação atual dessas emissoras, tendo substituído, com o tempo, a música erudita, predominante nas primeiras décadas da radiodifusão cultural e educativa no Brasil (RIBEIRO, 2003; ZUCULOTO, 2012). A definição desse gênero, contudo, é problemática, pois os artistas associados à MPB lidam com um arcabouço de influências que transitam por diferentes estilos e, além disso, “a própria produção musical constantemente desafia os rótulos classificatórios mais estáticos, movendo fronteiras e criando sub-categorias infinitamente” (TROTTA, 2005, p. 193).

Trotta (2005; 2011) chega a afirmar que os artistas rotulados como MPB não estão diretamente ligados a um gênero específico e que ela seria uma categoria que designa canções autorais intelectualizadas surgidas com a Bossa Nova, e que se tornou uma referência de alta qualidade musical, contraposta a outros gêneros da música popular massiva, como samba, pagode e sertanejo.

---

<sup>3</sup> Entende-se por canção peças em que letra e melodia se estruturam em uma determinada duração, três minutos em média, tendo como elemento básico o refrão (JANOTTI, 2006).

Ainda segundo o autor, consumida por parcelas mais “cultas” da população, a MPB tornou-se sinal de prestígio social (TROTТА, 2005, p. 189).

Costuma-se associar à MPB artistas como Edu Lobo, Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Jair Rodrigues, Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil, de uma primeira geração surgida a partir dos Festivais da Canção e da Tropicália, no final da década de 1960, e abrigada pela gravadora Philips/Polygram. Uma segunda geração, a partir dos anos 1980, tentou caminhos independentes das gravadoras, como Ná Ozzetti, Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Tetê Espíndola, Cida Moreira, Eliete Negreiros, que formaram a chamada Vanguarda Paulista, também rotulada pela mídia de “malditos da MPB, rótulo que se estendeu a Tom Zé, Torquato Neto, Sérgio Sampaio, Jards Macalé, Jorge Mautner, Luiz Melodia e Walter Franco (ALMEIDA, 2016).

Mais recentemente, a indústria fonográfica tem passado por uma reconfiguração frente ao advento das tecnologias digitais, que estão moldando hábitos de consumo (por meio de dispositivos como telefones celulares) e forçando os atores envolvidos na cadeia produtiva da música a adotar novas estratégias de produção e distribuição (HERSCHMANN, KISCHINHEVSKY, 2011). Concomitantemente a esse processo, a partir dos anos 2000, a crítica musical – importante mediadora nas classificações de gênero – cunhou a expressão Nova MPB (ALMEIDA, 2016). Ela se refere a artistas independentes das gravadoras, cuja independência foi propiciada pelas novas tecnologias, de forma que, como disse um de seus expoentes, “talvez a palavra novo, tão desgastada por seu uso, não seja aplicável ao que vêm fazendo, mas sim ao modo ‘como’ vêm fazendo” (FRÓES, 2009, p. 2).

Essas novas formas de produção, circulação e consumo possibilitam ao artista se envolver “profundamente com o processo de gravação, no sentido de lidar diretamente com o aparato técnico para a elaboração do disco”, e, muitas vezes, “com o processo de divulgação do disco, colocando-o para circular nas redes virtuais” (GONÇALVES, 2014, p. 43). Assim, a Nova MPB, para além de um gênero musical, com ênfase não só nas transformações da cadeia produtiva da música, mas também em aspectos identitários, seria

um gênero midiático que se constitui como uma categoria cultural construída através de práticas culturais, e que vai tomando corpo a partir de articulações mediadas por meio do discurso da crítica, dos comentários de fãs em sites e blogs próprios, da cadeia produtiva, de estudos acadêmicos, da convergência midiática e o mercado, a relação de identidades e práticas musicais etc. (GONÇALVES, 2014, p. 94).

Janotti (2011) identifica na Nova MPB uma cena musical localizada em São Paulo, com influências diversas, que incluem rock e pop, e artistas como Tulipa Ruiz, Tiago Iorc, Marcelo Jeneci,

o trio Metá Metá, Karina Buhr, Céu, Tatá Aeroplano, Romulo Fróes, Fernando Catatau, Mariana Aydar, dentre outros. Essa cena pressupõe

inter-relações entre um circuito cultural forjado na internet, materializado na cidade de São Paulo e, posteriormente, um circuito de shows em todo Brasil, que vai ser alicerçado através de diálogos que envolvem a emergência desses músicos e a afirmação de cenas locais ligadas ao indie rock e a Nova Música Popular Brasileira (JANOTTI, 2011, p. 18).

Assim, ainda que a sigla MPB possa ser imprecisa como designação de um gênero musical, o que foi exposto aqui permite ao menos uma aproximação ao universo de artistas habitualmente classificados como integrantes da Música Popular Brasileira e, mais recentemente, da chamada Nova Música Popular Brasileira. Essa aproximação subsidiará a análise da programação musical das emissoras universitárias com base nos relatórios Ecad, escopo do próximo item.

### **3. MÚSICAS EXECUTADAS PELA RÁDIO USP E PELA UNESP FM**

Em estudo anterior (RIBEIRO, 2018), procurei aferir a quantidade de horas dedicadas à programação musical na Rádio USP e na Unesp FM. A Rádio USP dedica, de segunda a sexta, 18 horas e 50 minutos à programação musical e 4 horas e 10 minutos à programação informativa (descontada 1 hora correspondente à Voz do Brasil). Aos sábados, são 20 horas e 50 minutos de programação musical e 3 horas e 10 minutos de programação informativa. Aos domingos, 20 horas de programação musical e 4 horas de programação informativa. A Unesp FM reserva um espaço um pouco maior em sua grade à programação musical: 19 horas e 55 minutos diários de programação musical e 3 horas e 5 minutos de programação informativa (descontada 1 hora correspondente à Voz do Brasil) de segunda a sexta. Aos sábados e domingos, são 22 horas de programação musical e 2 horas de programação informativa. Assim, podemos caracterizá-las como FMs musicais, predominantemente.

A Unesp FM publica em sua página na internet os relatórios mensais enviados ao Ecad e relatórios anuais. Tais relatórios trazem a seleção completa das músicas veiculadas pela emissora. Trata-se, portanto, de uma fonte de dados para análise da programação musical que permite quantificar inserções por título, por intérprete e por compositor. À guisa de exemplo, com base no relatório anual de 2018, apresenta-se aqui, na Tabela 1, o recorte das dez músicas mais tocadas naquele período.

A Rádio USP, por sua vez, não publica os relatórios do Ecad em sua página na web. A meu pedido, feito por e-mail em 4 de junho de 2019, a equipe da emissora gerou um relatório referente ao

mês de maio, que foi fornecido por e-mail em 6 de junho, em formato pdf, com os esclarecimentos adicionais de que não seria possível gerar relatórios referentes aos meses anteriores ou ao ano de 2018, pois os dados não são armazenados. Assim, este artigo se limitará à comparação da programação do mês de maio de 2019, para a qual dispomos de dados das duas emissoras em estudo.

**Tabela 1 - As 10 músicas mais tocadas pela UNESP FM em 2018**

Nº	Música	Intérprete	Compositor	Inserções
1	Acalanto	Luedji Luna	Luedji Luna	49
2	Mil Razões	Tiago Iorc	Dani Black/Tiago Iorc	49
3	Tereza Guerreira	Xênia França	Antonio Carlos/Jocafi	46
4	Termos e Condições	Erasmu Carlos/Emicida	Erasmu Carlos/Emicida	46
5	Cheiro da Saudade	Luê	Alceu Valença	41
6	Jorge Maravilha	Grooveria/Martinália	Chico Buarque	41
7	Rouxinol	Rael	Rael da Rima	38
8	Game	Tulipa Ruiz		37
9	Zambê	Caê Rolfsen	Caê Rolfsen/Rafa Barreto	36
10	Desinibida	Tulipa Ruiz	Tulipa Ruiz	35

Fonte: Unesp FM, 2019 (editado pelo autor)

O relatório de maio de 2019 da Unesp FM traz um total de 6.114 músicas executadas (incluindo repetições), e o da Rádio USP, 4.622<sup>4</sup> (incluindo repetições). Diante da impraticabilidade de uma análise exaustiva dos dados, optou-se por um recorte – um tanto arbitrário, mas incontornável, dadas as limitações de espaço deste artigo – das músicas mais tocadas a partir de oito inserções na programação, o que resultou em sete canções na Rádio USP e oito na Unesp FM (Tabela 2). Na emissora da capital, as mais tocadas tiveram um máximo de nove inserções em maio. Já na emissora de Bauru, a mais tocada teve 11 inserções no mesmo período. Um máximo de 9 repetições em um universo de aproximadamente 4,6 mil, e 11 em um universo de aproximadamente 6 mil já sugerem diversidade na programação das duas emissoras. Apenas na Unesp FM aparece uma canção estrangeira entre as oito mais executadas. As demais são brasileiras.

Na Tabela 2, percebe-se a diversidade de títulos entre as mais tocadas nas duas emissoras. Há apenas uma canção em comum entre elas, Carinhoso, de Pixinguinha e João de Barro, mas executada

<sup>4</sup> O relatório da Rádio USP inclui vinhetas, locuções, comerciais e conteúdo informativo, que resultam em um total de 8.433 inserções. O número de 4.622 diz respeito exclusivamente às inserções musicais e foi obtido por meio da exclusão dos demais conteúdos.

com diferentes intérpretes (a única intérprete em comum entre as duas emissoras nessa canção é Elis Regina). Em relação aos gêneros, ambas são muito parecidas, com presença do cancionário popular pré-Bossa Nova (Carinhoso, Serenata, O Mundo é um Moinho); Bossa Nova (Chega de Saudade, Doralice, Brigas Nunca Mais, Samba do Avião, Berimbau); MPB (Olhos nos Olhos, Sou eu); e Nova MPB (Só Por um Instante, Imitação e Vatapá).

**Tabela 2 - Músicas mais tocadas em maio/2019**

Rádio USP			Unesp FM		
Música	Intérprete	Quant	Música	Intérprete	Quant
Carinhoso	Beth Carvalho – 3 Elis Regina – 2 Marcelo Quintanilha – 2 Marisa Monte – 1 Théo De Barros – 1	9	Brigas Nunca Mais	A. Montarroyos/E. – 8 Paula Morelenbaum - 1 Carol Andrade & A. Maia - 1 Orq. RCA Victor – 1	11
Doralice	Carol Andrade/A. Maia – 5 Gilberto Gil - 1 João Gilberto/Stam Getz - 2 Verônica Sabino/Roberto – 1	9	Só por um Instante	Maíra Baldaia – 10	10
Chega de Saudade	Beth Carvalho – 1 Joyce - 1 Quarteto em Cy - 2 R. Carlos/Caetano Veloso - 1 Tom Jobim - 1 Rosa Passos – 2	8	Samba do Avião	Os Cariocas – 2 Bud Shank - 1 Miúcha/Tom Jobim – 3 No Olho da Rua – 1 Ivan Lins – 1 Orquestra Tabajara – 1 Cauby Peixoto – 1	10
Imitação	Celso Sim – 4 Do Montebello - 1 Juçara Marçal/Kiko Dinuc - 2 Selmma Carvalho – 1	8	Berimbau	Bossacucanova/Os Cariocas – 2 Grooveria/Fernanda Abreu - 7 Astrud Gilberto/Cut Chemist - 1	10
O Mundo é um Moinho	Beth Carvalho – 1 Cartola - 2 Cazuza - 1 Jair Rodrigues - 1 Márcia - 2 Ney Matogrosso – 1	8	Summertime	Janis Joplin – 1 Lena Horne - 3 Bobby Womack/The Roots - 1 Sheila Landis - 1 Shirley Horn - 1 Eumir Deodato – 1 Sarah Vaughn – 1	9
Olhos nos Olhos	Fafá de Belém – 4 Maria Bethânia - 1 Miúcha - 2 Nana Caymmi – 1	8	Sou eu	Chico Buarque/Wilson das Neves - 1 Sérgio Mendes/Seu Jorge - 1 Luciana Melo – 7	9
Vatapá	Cibele Codonho /Filó Mach - 4 Dani/Debora Gurgel Quar - 3 Zarabatana – 1	8	Carinhoso	Bud Shank/L. Almeida – 3 Orlando Silva - 4 Elis Regina – 1	8
-	-	-	Serenata	Silvio Caldas – 4 Vicente Celestino – 4	8

Fonte: Rádio USP, 2019; Unesp FM, 2019b (elaboração do autor)

É importante destacar que os intérpretes identificados com a Nova MPB nem sempre comparecem com composições de artistas da Nova MPB. Imitação, por exemplo, é uma composição

do sambista baiano Batatinha, da geração MPB, cuja obra tem em Maria Bethânia sua grande intérprete. Na Rádio USP, a canção apareceu em gravações de Celso Sim, Juçara Marçal e Kiko Dinuc (do trio Metá Metá) e Selmma Carvalho. O mesmo se dá nas gravações de Doralice, composição de Dorival Caymmi e Antonio Almeida, e Brigas Nunca Mais, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, por Carol Andrade e Alex Maia, duo que apresentou essas faixas em álbum financiado por meio de *crowdfunding* em 2018. Esse álbum independente, portanto, emplacou uma faixa entre as mais tocadas da Rádio USP no mês de maio e outra entre as mais tocadas pela Unesp FM no mesmo período.

Dessa forma, na relação das músicas mais tocadas na Rádio USP e na Unesp FM, temos número significativo de artistas associados à Nova MPB, o que chama a atenção pelo fato de tais artistas serem, por definição, independentes. Ou seja, não contam com o aparato de gravadoras para garantir sua inserção no mercado. Esses artistas, que aparecem na Tabela 2, são Celso Sim, Juçara Marçal e Kiko Dinuc, Selmma Carvalho, Carol Andrade e Alex Maia, e Maíra Baldaia<sup>5</sup>. Esta última comparece na relação das músicas mais tocadas da Unesp FM com uma composição própria, Só por um Instante, com dez inserções no mês de maio.

A presença da Nova MPB é mais marcante na Tabela 1, das músicas mais tocadas na Unesp FM em 2018. As duas mais tocadas foram Acalanto, composta e interpretada por Luedji Luna, e Mil Razões, composta por Dani Black e Tiago Iorc e interpretada por Tiago Iorc<sup>6</sup>.

Se fizermos, porém, a seleção dos intérpretes mais presentes na programação das duas rádios no mês de maio de 2019, teremos maior predomínio da MPB. A Tabela 3 apresenta os 20 intérpretes com maior número de inserções em cada emissora. Dentre os que tiveram acima de 40 inserções, a maioria é da geração surgida a partir dos Festivais da Canção e da Tropicália. Nas seis primeiras posições da Tabela 3, vê-se grande coincidência entre Rádio USP e Unesp FM. A partir daí, as duas divergem ligeiramente. Na Rádio USP, mantém-se o predomínio da MPB, sendo a mais jovem da lista a cantora amapaense Patrícia Bastos, que começa a lançar álbuns de estúdio a partir de 2002. Na Unesp FM, por sua vez, surgem intérpretes ligados ao pop/rock, como Lulu Santos, Tim Maia, Rita Lee e Nando Reis, e à Nova MPB, como Maria Gadu e Céu<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> A classificação de Juçara Marçal e Kiko Dinuc na Nova MPB se baseia em Almeida (2016). Maíra Baldaia se apresenta como expoente da Nova MPB em sua página na web (<https://www.mairabaldaia.com/sobre>). No caso de Celso Sim, eu me baseio na trajetória do cantor, integrante do cenário musical paulistano e fundador de um selo para produção e distribuição de música independente. A cantora mineira Selmma Carvalho também tem trajetória independente das gravadoras, divulgando seu trabalho por meio de festivais de música e projetos da Rádio Inconfidência, uma emissora pública de Belo Horizonte.

<sup>6</sup> A classificação de Tiago Iorc na Nova MPB se baseia em Almeida (2016). No caso da baiana Luedji Luna, eu me baseio na trajetória da cantora, que tem divulgado seu trabalho de forma independente, com participação em festivais, e integra o cenário musical paulistano desde 2016, quando fixa residência em São Paulo.

<sup>7</sup> A classificação de Maria Gadu e Céu como Nova MPB se baseia em Almeida (2016).



O fato de cantores como Djavan, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia figurarem entre os mais presentes na programação das duas emissoras universitárias pode ser atribuído, por hipótese, à dimensão do repertório, construído ao longo de décadas de carreira. As inserções obtidas por esses intérpretes se dão com grande variedade de canções. Tanto é assim que eles não comparecem de forma expressiva na Tabela 2, das canções mais tocadas. Ainda assim, é importante ressaltar que não se conhecem, nesta etapa da pesquisa, os critérios de tomada de decisão por parte dos programadores das emissoras, de modo que pode haver outros fatores que levem ao predomínio desses artistas na programação musical da Rádio USP e da Unesp FM.

<b>Tabela 3 – Intérpretes com mais inserções na programação em maio de 2019</b>				
<b>Rádio USP</b>			<b>Unesp FM</b>	
<b>Nº</b>	<b>Intérprete</b>	<b>Inserções</b>	<b>Intérprete</b>	<b>Inserções</b>
1	Djavan	67	Beth Carvalho*	89
2	Gal Costa	65	Gilberto Gil	57
3	Gilberto Gil	61	Djavan	56
4	Maria Bethânia	61	Chico Buarque	55
5	Chico Buarque	60	Caetano Veloso	47
6	Caetano Veloso	57	Gal Costa	47
7	Elis Regina	55	Maria Gadu	47
8	Emílio Santiago	55	Moska	40
9	Milton Nascimento	54	Seu Jorge	40
10	Ney Matogrosso	52	Luiz Melodia	39
11	Rosa Passos	50	Marisa Monte	37
12	Patrícia Bastos	47	Lulu Santos	36
13	Simone	44	Céu	35
14	João Bosco	40	Rita Lee	33
15	Marisa Monte	38	Pedro Luís	32
16	Luiz Melodia	36	Tim Maia	32
17	Toquinho	34	Nando Reis	31
18	Edu Lobo	32	Vanessa da Mata	31
19	Leila Pinheiro	32	Zeca Baleiro	31
20	Beth Carvalho	31	Ney Matogrosso	30

Fonte: Rádio USP, 2019; Unesp FM, 2019b (elaboração do autor)

\* A cantora Beth Carvalho faleceu em maio de 2019, razão do grande número de inserções.

#### **4. COMPARAÇÃO COM A RADIODIFUSÃO COMERCIAL**

Não se dispunha, para este trabalho, de dados de rádios musicais comerciais comparáveis aos das emissoras universitárias no que diz respeito a canções e gêneros veiculados. Mas, como referência do que é veiculado no sistema comercial de radiodifusão, pode-se lançar mão do Ranking das Mais Tocadas divulgado pelo próprio Ecad em sua página na web. O ranking considera as músicas contempladas nas distribuições feitas entre os meses de março e maio de 2019 em todos os segmentos de execução pública (portanto, não apenas rádios). Esse ranking não traz a quantidade de execuções, nem informações sobre os intérpretes, apenas sobre os compositores. A seleção é apresentada na Tabela 4.

Note-se que as mais tocadas do Ecad não aparecem entre mais tocadas pela Rádio USP e pela Unesp FM. Mas não é só isso. Ao se efetuar uma busca nos relatórios do mês de maio de 2019 de ambas as emissoras universitárias, constata-se que apenas a canção Meu Abrigo, do trio pop Melim, foi executada pela Unesp FM (uma única vez).

**Tabela 4 – As mais tocadas do Ecad**

Nº	Música	Compositor
1	Notificação Preferida	Vine Show/Júnior Gomes/...
2	Largado às Traças	André Vox/Vitor Hugo/...
3	Propaganda	Márcia Araújo/Henrique...
4	O Sol	Victor Kley
5	Zé da Recaída	Ricardo Vismarck/Ronael/Jun
6	Apelido Carinhoso	Junior Angelim
7	Meu Abrigo	Gabriela Melim/Rodrigo Melim
8	Atrasadinha	Diego Barão/Leo Brandão
9	Amor Falso	Walber Cassio/Felipe Ennzo
10	Não fala não pra mim	Thales Lessa

Fonte: Ecad, 2019.

Outra comparação possível, com base em dados disponíveis, é a da programação anual da Unesp FM (Tabela 1) em relação às músicas mais tocadas em *streaming* em 2018, atual indicador de sucesso comercial no meio musical. Esses dados são divulgados pela Pró-Música Brasil (entidade que reúne companhias fonográficas em operação no País) no relatório Mercado Fonográfico Mundial

e Brasileiro, com a seleção Top 200 Faixas em Streaming. Para a finalidade deste trabalho, optou-se pelo recorte das dez mais tocadas (Tabela 5).

Percebe-se que não há pontos de convergência entre as tabelas 1 e 5. São outros os artistas, e, no caso da Tabela 5, com participação significativa das maiores gravadoras em atuação no país: Warner, Universal e Som Livre. Destacam-se, também, pontos de convergência entre as tabelas 4 e 5, isto é, entre as mais tocadas do Ecad entre março e maio de 2019 e as mais tocadas em *streaming* em 2018, especificamente as canções Propaganda, Largado às Traças, Apelido Carinhoso, e O Sol. Na Tabela 4, temos uma maioria de canções do gênero Sertanejo, mas também Arrocha (Amor Falso) e Pop (O Sol, Meu Abrigo). Na Tabela 5, verifica-se igualmente maioria de canções no gênero Sertanejo, mas também Funk (Vai Malandra) e Pop (O Sol).

Chama a atenção, na Tabela 5, a presença das versões “ao vivo” das canções, uma tendência registrada por pesquisadores como parte do processo de reconfiguração da indústria fonográfica, em que o lançamento de “álbuns” perde relevância, e os concertos tornam-se fonte importante de receita, mesmo para as gravadoras, que têm buscado, nos novos contratos, assegurar participação nas bilheterias (HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY, 2011). Por outro lado, gravações “ao vivo” não aparecem nas tabelas 1 e 2, referentes às rádios universitárias em estudo, contrariando essa tendência recente da cadeia produtiva da música.

**Tabela 5 - As 10 músicas mais tocadas em Streaming em 2018**

Nº	Faixa	Artista	Gravadora
1	Propaganda (Ao Vivo)	Jorge & Mateus	Som Livre
2	Vai Malandra (feat. Tropkillaz & DJ Yuri Martins)	Anitta, Mc Zaac, Maejor ft. Tropkillaz & DJ Yuri Martins	Warner Music Group
3	Ao Vivo E A Cores (Feat Anitta)	Matheus & Kauan	Universal Music Group
4	Coladinha em Mim (Ao Vivo)	Gustavo Mioto	Independent Artist
5	Largado Às Traças (Ao Vivo)	Zé Neto & Cristiano	Som Livre
6	Apelido Carinhoso	Gustavo Lima	Som Livre
7	Ta Tum Tum	MC Kevinho, Simone & Simaria	Universal Music Group
8	O Sol	Vitor Kley	Midas Music
9	Amor de Verdade	MC Kekel & MC Rita	KondZilla
10	Anti-Amor (feat. Jorge & Mateus) (Ao Vivo)	Gustavo Mioto	Independent Artist

Fonte: Pro-Música Brasil, 2019 (edição do autor)

Uma busca no relatório de 2018 da Unesp FM revela, ainda, que nenhuma das canções da Tabela 5 foi executada pela emissora no mesmo período. Um dado adicional, pela observação do

relatório da Pró-Música Brasil, é o de que as dez canções mais executadas pela Unesp FM em 2018 não aparecem sequer entre as 200 mais tocadas em *streaming*. Também não foi possível identificar nessa seleção de 200 músicas nenhum artista ou canção associados à MPB ou à Nova MPB.

## 5. CONCLUSÕES

A análise dos relatórios do Ecad da Rádio USP e da Unesp FM, em contraposição aos dados disponíveis sobre a radiodifusão comercial, permite as seguintes conclusões:

1. Existe forte semelhança, do ponto de vista das canções e artistas que figuram em sua programação musical, entre as duas emissoras universitárias paulistas, mais especificamente no que diz respeito aos gêneros predominantes: MPB e Nova MPB. O que corrobora, também, a percepção de que essas emissoras associam “música de qualidade” a esses gêneros.
2. As duas emissoras parecem alheias aos sucessos comerciais do momento, que são aquelas canções que figuram no ranking das mais tocadas do Ecad e das mais tocadas em *streaming*. Também são outros os gêneros predominantes na radiodifusão comercial e serviços de *streaming*, com destaque para o Sertanejo.
3. Há expressiva presença da Nova MPB na programação da Unesp FM, como indica o relatório anual de 2018 (Tabela 1). No caso da Rádio USP, não se dispõe de dados anuais que permitam a comparação com a emissora de Bauru, de modo que fica essa lacuna a ser preenchida em estudos posteriores.

A metodologia proposta, de análise documental com base nos relatórios do Ecad, mostra-se, portanto, frutífera. Há, ainda, muitos outros recortes e cruzamentos possíveis, além de comparações com emissoras inseridas em “cenas musicais” distintas daquela verificada em São Paulo e análise do próprio papel que essas emissoras exercem (ou não) na constituição das cenas locais – daí a importância de se dar atenção à presença da Nova MPB na programação. Seria desejável, nesse sentido, que as rádios universitárias publicassem os relatórios do Ecad em suas páginas da web, a exemplo da Unesp FM, facilitando o acesso aos dados.

Há muito questionamento, nos estudos sobre o rádio universitário, a respeito do caráter elitista dessa opção pela MPB e sobre a possibilidade de se atender ao interesse público com uma programação que exclui a audiência das camadas populares. Contudo, por ora, não foi meu objetivo desenvolver um estudo deontológico sobre a radiodifusão universitária, mas contribuir para a caracterização da programação dessas emissoras. A partir daí, é preciso investigar como são tomadas as decisões referentes à programação. Há um projeto com diretrizes e parâmetros claros a respeito?

Ou cabe aos programadores decidir o que é e o que não é “música de qualidade”? Em que medida o público pode interferir na programação? Tais questões constituem uma agenda de pesquisa atual do rádio universitário brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laís Barros Falcão de. **A MPB em mudança**: cartografando a controvérsia da nova MPB. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

ECAD. As mais tocadas do Ecad. Disponível em: <<https://www3.ecad.org.br/>> Acesso em 28 mai. 2019.

FRÓES, Romulo. **A nova música brasileira e seus novos caminhos**. Blog da revista Bravo!, São Paulo, 2009. Disponível em <[http://romulofroes.com.br/TEXTOS\\_files/Romulo%20Froes\\_A%20nova%20mu%C2%81sica%20brasileira%20e%20seus%20novos%20caminhos.pdf](http://romulofroes.com.br/TEXTOS_files/Romulo%20Froes_A%20nova%20mu%C2%81sica%20brasileira%20e%20seus%20novos%20caminhos.pdf)> Acesso em 3 jun 2019.

GONÇALVES, Suzana Maria Dias. **Nova MPB no centro do mapa das mediações**: a totalidade de um processo de interação comunicacional, cultural e político. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2014.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Tendências da indústria da música no início do século XXI**. In: JANOTTI JR, Jeder Silveira, et al (orgs) **Dez anos a mil**: mídia e música popular massiva em tempos de internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

JANOTTI JR, Jeder Silveira. **À procura da batida perfeita**: A importância do gênero musical para a música popular massiva. In: *Éco-pós*. V.6, n.2, agosto-dezembro 2003, pp. 31-46.

\_\_\_\_\_. **Música popular massiva e gêneros musicais**: produção e consumo da canção na mídia. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo. Vol. 3, n. 7, p. 31 - 47, jul. 2006. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69/70>> Acesso em 15 mai 2019.

JANOTTI JR, Jeder Silveira; PIRES, Victor de Almeida Nobre. **Entre os afetos e os mercados culturais**: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: JANOTTI JR, Jeder Silveira, et al (orgs) **Dez anos a mil**: mídia e música popular massiva em tempos de internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica**. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política do rádio musical**: articulações entre as indústrias da música e da radiodifusão sonora. *Matrizes*, ano 5, nº 1 jul./dez., p. 247-258, 2011

PRO-MÚSICA BRASIL. Mercado fonográfico mundial e brasileiro em 2018. Disponível em: <<https://pro-musicabr.org.br/wp-content/uploads/2019/04/release-brasil-GMR2019-e-mercado-brasileiro-2018.pdf>> Acesso em 28 mai. 2019.

RÁDIO USP. Relatório Ecad 01 mai 2019 a 31 mai 2019 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[heltonlucinda@hotmail.com](mailto:heltonlucinda@hotmail.com)> em 06 jun. 2019.

RIBEIRO, Helton Lucinda. **Rádio Universitário**: em busca do interesse público na programação. 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2018, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1460-1.pdf>> Acesso em: 3 mai 2019.

\_\_\_\_\_. **Unesp FM e concepções de rádio universitário**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru: Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2003.

TROTTA, Felipe. **Critérios de qualidade na música popular**: o caso do samba brasileiro. In: JANOTTI JR, Jeder Silveira, et al (orgs) **Dez anos a mil**: mídia e música popular massiva em tempos de internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Música e mercado**: a força das classificações. In: Revista Contemporânea, Vol. 3, número 2, p. 181 – 196, Julho/Dezembro 2005. Facom/Ufba. Salvador, 2005. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3459/2525>> Acesso em 31 mai 2019.

UNESP FM. Relatório Geral de Músicas Veiculadas pela Rádio Unesp FM em 2018. Disponível em <<http://www.radio.unesp.br/noticia/3563>> Acesso em 16 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Relatório de músicas veiculadas em maio de 2019. Disponível em <<http://www.radio.unesp.br/noticia/4137>> Acesso em 06 jun. 2019.

VLADI, Nadja. **O negócio da música**: como os gêneros musicais articulam estratégias de comunicação para o consumo cultural. JANOTTI JR, Jeder Silveira, et al (orgs) **Dez anos a mil**: mídia e música popular massiva em tempos de internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

#### Sites consultados:

<<https://www.carolandrade.art.br/>>

<<http://celsosim.com.br/>>

<<https://www3.ecad.org.br/>>

<<https://jornal.usp.br/radio/>>

<<https://luedjiluna.com.br/>>

<<https://www.mairabaldaia.com>>

<<http://www.radio.unesp.br/>>

<<http://www.selmmacarvalho.com/>>